

LITERATURA, ARTE E TEATRALIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

MARIA DO CARMO ROBERTO¹

Resumo

Neste artigo são discutidas algumas questões referentes às possibilidades teórico-práticas de um trabalho junto aos alunos com deficiência intelectual, relacionado ao universo literário infanto-juvenil, artístico e teatral. Dessa forma, será possível verificar a importância dos contos de fadas e da linguagem teatral no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças com deficiência intelectual na ação de transformar o conto: “João e Maria”, dos Irmãos Grimm, em uma peça teatral e apresentar no Festival de Artes da Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani / 2012. Pela pesquisa de campo e baseando-se teoricamente nos pressupostos de Bettelheim, Abramovich, Vygotsky e nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Arte, pôde-se perceber a importância dos alunos participarem das atividades e demonstrarem, pelo faz de conta, suas angústias, alegrias, vontades e dúvidas ao colocarem-se no lugar dos personagens, vivenciando momentos do seu cotidiano.

Palavras-chaves: Contos de fadas; Linguagem teatral; Cognição; Emoção; Educação Especial.

¹ Educadora no ensino especial, pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Especialista em Educação Inclusiva e Especial, pelo Instituto Brasileiro de Ensino – IBE.

INTRODUÇÃO

Acredita-se cada vez mais na importância e na influência dos contos de fadas, no desenvolvimento do imaginário infantil, daí a importância de realizar uma abordagem discursiva a respeito do papel que os elementos fantásticos dos contos de fadas, de forma interativa com o teatro, podem contribuir para o desenvolvimento da cognição e para a emoção dos alunos com deficiência intelectual.

Enquanto professora inserida na instituição Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani - APAE em Ouro Preto (MG), desenvolvo um trabalho junto a uma turma de 8 alunos, de 10 a 14 anos, todos com necessidades diferenciadas. As prioridades de cada aluno, em seus mais variados e diversos aspectos (entre eles, o cognitivo, emocional, psicomotor e social) me sensibilizaram de tal maneira que acabaram por influenciar em minha escolha do tema.

A reflexão teve como ponto de partida o referencial teórico as obras de Bruno Bettelheim, Fanny Abramovich, Lev Semenovitch Vygotsky e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Arte, os quais contribuíram para o entendimento e aplicabilidade dos contos de fadas, como também para a exploração do imaginário, das emoções e da dimensão cognitiva das crianças. Dessa forma, a pesquisa de campo direcionou-se para a perspectiva do método etnográfico como sendo o mais adequado para explicitar e descrever o que foi vivenciado durante as observações. A partir dessas observações foi construído um diário de bordo com relatos de experiências que serviram de subsídios para a verificação dos objetivos estabelecidos, contribuindo para um novo olhar significativo e reflexivo, visando a construção de novos conhecimentos.

Nesse sentido, serão abordadas as vivências interativas dos educandos, bem como os materiais, o espaço e o tempo. Diante disso, percebe-se a importância das crianças participarem das atividades e demonstrarem por meio de textos, desenhos, dramatizações, gestos e conversas, suas angústias, alegrias, vontades e dúvidas ao se colocarem no lugar dos personagens, vivenciando momentos do seu cotidiano.

O trabalho foi realizado na tentativa de demonstrar que os contos de fadas e o teatro proporcionam o desenvolvimento da imaginação, da socialização, da percepção de mundo, facilitando, assim, a construção da identidade e autonomia da criança.

Através das atividades desempenhadas foi possível identificar qual é a aplicação dos contos e da teatralidade na formação da imaginação criativa dos alunos com deficiência intelectual. Foi realizada também uma dramatização do conto e reflexões de como este afeta a criança no sentido de resolver seus conflitos, repletos de tensões familiares, além de discutir a experiência do conto de João e Maria que foi adaptado para uma peça teatral apresentada no Festival de Artes da Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani. Tais vivências teatrais proporcionaram aos educandos se reconhecerem enquanto pessoas, como cidadãos de direitos iguais a todo e qualquer ser humano.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. A LITERATURA COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO E PRAZER

Segundo Bettelheim (1980), a literatura é uma linguagem que se realiza por meio de palavras carregadas de significados. Ela representa uma das mais altas experiências da existência do ser humano, uma vez que nasce do mais profundo da alma humana, interagindo com a alma do leitor. Nessa condição, a Literatura representa o maior repertório da cultura, do pensamento e da história da sensibilidade humana. Ninguém pode, portanto, ficar excluído de seu espaço de uso e informação, uma vez que significaria perder uma das formas vitais da arte e da cultura.

Como forma de expressão do sentimento e do pensamento, a literatura representa importante aperfeiçoamento do ser humano, contribuindo para a educação da sensibilidade. Além disso, representa uma das mais eficientes formas que o professor poderá usar para tornar a escola acolhedora às diferenças, valorizando a diversidade para a formação cultural e ética nas relações sociais com as pessoas com deficiência.

Os contos de fadas apresentam dramas familiares, e por meio deles “todos os conflitos humanos são encontrados e resolvidos através da fantasia.” (Bettelheim, 1980, p. 7). Suas histórias contemplam personagens contraditórios que representam tanto a maldade como a virtude, esperanças, submissão e dramas familiares tão comuns em nossa sociedade contemporânea, além de acentuarem os valores morais e os comportamentos desejáveis à uma sociedade harmônica; desenvolvem-se num cotidiano mágico, tendo como tema uma problemática social e existencial ou um desejo de autorrealização do herói ou do antagonista.

Os contos de fadas e o teatro constituem formas de expressão artística que possibilitam, dentre outras coisas, o desenvolvimento sociocultural de indivíduos de todos os grupos indistintamente, inclusive de pessoas com deficiência intelectual:

Os contos de fadas foram usados inicialmente para desenvolver o gosto pela leitura, bem como para resolução de conflitos internos infantis, propiciando aos alunos apenas o contato com a função estética da literatura. (Abramovich (1989, p.45).

As expressões da linguagem teatral, artística e literária oferecem recursos tanto para criança resolver seus conflitos, repletos de dramas familiares, com os quais os alunos podem identificar-se e assim contribuir para que “resolvam” seus dramas, bem como para colaborar com a aquisição de conhecimentos, valores e habilidades necessários à inserção consciente na sociedade. Sendo assim, não podem ser desprezados pela escola que deseja considerar o letramento na alfabetização.

1.2. O RESGATE DAS HISTÓRIAS PELA IMAGINAÇÃO E FANTASIA

Ao ouvir contos de fadas, uma criança transforma a pedra em cada uma das palavras que lhe são contadas, trazendo lembranças, sonhos, desejos, personagens, dúvidas, medos e associações. Segundo os pressupostos de Abramovich (1989):

Ler histórias para as crianças, sempre, sempre... É suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, e encontrar muitas ideias para solucionar questões - como os personagens fizeram... - é estimular para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar... Afinal, tudo pode nascer de um texto. Abramovich (1989, p.56).

Acredita-se cada vez mais na importância e na influência dos contos de fadas e da linguagem teatral no desenvolvimento do imaginário e do cognitivo. Histórias que nos remetem ao cotidiano favorecem a possibilidade de que a diferença passe a ser vista através de outros olhares, sendo questionada, refletida, redimensionada. Evidencia-se sobre a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento das crianças e as contribuições de todo processo vivenciado por meio da fantasia, do imaginário e da ludicidade.

Os Contos de Fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade, que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é a busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos. A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitem à criança a ideia de que ela não pode viver definitivamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo. (AGUIAR apud ABRAMOVICH, 1989, p. 120).

Os envolvidos neste contexto devem contribuir com ações para o desenvolvimento da criança por meio da narrativa dos contos de fadas, ou seja, tornar o indivíduo capaz de refletir não somente uma narrativa, como também outros gêneros que lhe são dados. A criança aprende mediante aos contos de fadas a identificar e reconhecer, nos outros e em si mesma, pensamentos e sentimentos que ajudam ou atrapalham sua relação consigo mesmo ou com os outros.

1.3. A IMPORTÂNCIA DA AÇÃO EDUCATIVA MEDIADORA

Quando a criança entra no “mundo” da fantasia e da imaginação de um conto de fadas, ela elabora hipóteses para a resolução de seus problemas e

toma atitudes do adulto, indo além daquelas de sua experiência cotidiana, buscando alternativas para transformar a sua realidade. No faz de conta, seus desejos podem facilmente ser realizados quantas vezes ela desejar, criando e recriando situações que ajudam a satisfazer alguma necessidade presente em seu interior.

Quando Vygotsky (1989) discute o papel do brinquedo, refere-se especificamente à brincadeira do faz de conta, como o brincar de casinha, de escolinha, de cavalo com o cabo da vassoura, entre outras. Faço relação com os referenciais vygotkianos porque o faz de conta do conto de fadas é também um jogo lúdico e faz parte do brincar.

As crianças amadurecem por intermédio de suas próprias brincadeiras e das invenções das brincadeiras de outras crianças e adultos. No princípio suas imitações poderão ser simples, de acordo com a idade, e a experiência de vida de cada criança, mas com o passar do tempo, (e com o desenvolvimento das atividades programadas), o faz de conta da criança fica mais elaborado. (Vygotsky 1989, p.58).

Para Vygotsky (1989), ao reproduzir o comportamento social do adulto em seus jogos, a criança está combinando situações reais com elementos de sua ação fantasiosa. Esta fantasia surge da necessidade da criança de reproduzir o cotidiano da vida do adulto da qual ela ainda não pode participar como gostaria. Contudo, esta elaboração no faz de conta necessita de conhecimentos prévios do mundo que a cerca. Assim, quanto mais ricas forem suas experiências, mais informações a criança irá dispor para materializar em seus jogos lúdicos.

A brincadeira e o faz de conta criam a Zona de Desenvolvimento Proximal na criança, que através da mediação de colegas, família, e educadores, a criança irá passar para o desenvolvimento potencial. No faz de conta, a criança passa a dirigir seu comportamento pelo mundo imaginário, isto é, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias. (Vygotsky, 1991, p.26).

Nesse sentido, do ponto de vista do desenvolvimento, o jogo do faz de conta pode ser considerado um meio para aprimorar o pensamento abstrato, em que a imaginação é uma ação (sendo ela concreta ou não) mas, acima de tudo, é algo em permanente amadurecimento, e não uma coisa, “A imaginação da criança, estimulada a inventar palavras, aplicará seus instrumentos sobre os traços da experiência que provocarão sua intervenção criativa” (Vygotsky, 1989, p. 56).

1.4. A BUSCA PELA NOVA CONCEPÇÃO NO ENSINO DE ARTES

Segundo o PCN de Arte (1998, p. 88), o teatro favorece aos jovens e adultos possibilidades de compartilhar descobertas, ideais, sentimentos, atitudes, ao permitir a observação de diversos pontos de vista, estabelecendo a relação do indivíduo com o coletivo e desenvolvendo a socialização. Assim, os jogos teatrais oportunizam a recriação de regras e podem tornar concretos os conflitos existentes na sala de aula, atuando sobre o ser humano sem promover cisões entre o plano afetivo e cognitivo:

O Teatro na Educação, por meio de situações de jogos, promove a passagem do sujeito passivo na ação de cena para o sujeito ativo da ação de cena. Neste caso o aluno/ator passa da situação de mero espectador para a situação de protagonista, assumindo as rédeas da ação de cena. O jogo teatral, neste sentido, não é uma fuga, um refúgio, mas surge como possibilidade íntegra de criação e recriação de expressões significativas de vida. (Azevedo, 2002, p. 48).

No jogo não há uma divisão territorial entre quem interpreta (atua ou representa) e quem assiste (espectador) porque todos estão em uma situação de inclusão. Portanto, o jogo elimina a dicotomia palco e plateia, criando um clima de cooperação no qual todos são importantes e podem propor novos lances para continuar jogando.

Dentre os jogos, podem ser citadas as improvisações que estimularam a utilização de todo o espaço da sala de aula e a elaboração de cenas em que os alunos/atores representavam estátuas que ao serem tocadas, ganhavam movimentos e sons.

Os jogos teatrais se constituíram em um instrumento eficaz na busca e na compreensão de alternativas para os problemas sociais e interpessoais, transformando o aluno/espectador em protagonista, estimulando-o a refletir sobre as representações do passado para transformar a realidade do presente e, assim, inventar o futuro.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (2000) apresentam os conhecimentos a serem construídos na área e estão organizados no âmbito das artes visuais, do teatro, da música e da dança. Desse modo, em sintonia com diversos estímulos da teatralidade e linguagem dos contos de fadas, ela entra em contato com diversas culturas, sendo uma das poucas atividades em que o ser humano encontra maior integração entre corpo, mente e espírito.

2. ANÁLISE DE DADOS

A investigação proposta direciona para o desenvolvimento do presente trabalho e se caracteriza em uma perspectiva de abordagem qualitativa que irá permitir uma visão geral da delimitação do objetivo de pesquisa, bem como um novo olhar desvelador, visando novos conhecimentos.

Considero ainda que a perspectiva do método etnográfico por meio de relatos de experiências foram subsídios norteadores, uma vez que a vivência dos alunos apresentada no palco deve ser vista como consequência do processo e de todo aprendizado diferenciado que lhes foi proporcionado.

A Literatura entrou mais uma vez no cotidiano dos alunos da Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani, por meio do Festival de Artes 2012. Percebe-se que ela nos cerca de múltiplas maneiras. Ainda que sejam pessoas com deficiência intelectual, com limitações (ou até por causa disso), também vivem cercadas de ambientes literários. Quando se associa a leitura à linguagem narrativa, pode-se oferecer caminhos para a formação da consciência de mundo da criança, e não apenas para servir de instrumento de informações.

Bettelheim (1980) afirma que a criança precisa compreender seu inconsciente para poder dominar seus problemas psicológicos de crescimento, ser capaz de abandonar dependências infantis, obtendo um sentimento de

individualidade e se valorizar. As ações de ouvir, contar histórias e representar teatralmente foram fundamentais para o desenvolvimento da identidade da criança, visto que por meio do conto, os educandos tiveram a possibilidade de ensaiar seus papéis na sociedade, se adaptando a situações reais e se colocando dentro da história, como também desencadear ideias, opiniões, sentimentos e criatividade, antecipando situações em que a criança só iria experimentar na vida adulta.

Em um mundo como o nosso, dinamizado pelas multi-linguagens visuais, sonoras e velozes, a leitura da palavra, isto é, do texto (principalmente literária e artística) faz-se cada vez mais necessária para que as novas gerações não se imobilizem como gerações sem palavras. Como profissionais devemos apontar alguns caminhos para ampliar o espaço da literatura na vida dos alunos, pais e adultos em geral. Como fazer para despertar nas crianças e adolescentes o gosto pela leitura? Inicialmente, a leitura do conto foi realizada pela professora em sala de aula e foi solicitado para que a turma prestasse atenção no foco da narrativa e na personalidade do narrador.

A violência sempre fez parte da literatura infantil. Temos exemplos nos contos tradicionais, como no conto “João e Maria”: abandonados por seus pais e por pouco devorados pela bruxa. A literatura conta em narrativas a história da população. Os contos falam sobre a fome que obrigava os pais a abandonar os seus filhos na floresta.

Por meio de outros bates papos e diários começamos a fazer paralelos e transportar algumas situações-problemas da história para a realidade fazendo com que os alunos confrontassem a história que já conheciam com a que poderiam construir. A partir do contato com outros livros e filmes em várias versões, junto com outras turmas, elaboramos outro perfil da história. Não nos esquecemos de um tempo especial para trabalhar a bruxa e toda carga negativa que ela traz consigo.

Adotamos, a partir de então, uma perspectiva mais realista. O conto de Joãozinho e Maria é atualizado, mas os elementos da narrativa como os personagens e a estrutura foram preservados. Nessa nova versão as ações permaneceram, porém foram introduzidas novas figuras como: urubus, vampiros, fantasma do bem, pipoqueiro, pássaros. O enredo reforça a questão

da vida familiar de João e Maria com suas dificuldades econômicas e amplia uma nova visão de mundo, levando a refletir sobre a solidariedade e o amor ao próximo.

Cabe, portanto, entender como são denominadas as propostas educacionais destinadas a este público, pois, segundo Bettelheim (1980), a criança escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las, assim se teceu a rede em que está guardando o dom narrativo.

Através da proposta de trabalho com o teatro foi possível perceber que as crianças interagiram pela expressividade da linguagem. Observou-se ainda que as crianças, ao participar dessa atividade demonstraram criatividade, raciocínio lógico e diálogo entre as ideias. Por meio desta ação educativa foi possível perceber que as crianças possuíam conhecimento a respeito da linguagem, demonstrando entrosamento, interação, ao estabelecerem um diálogo entre ideias.

No momento em que a criança entra no “mundo” da fantasia e da imaginação de um conto de fadas, ela elabora hipóteses para a resolução de seus problemas, tomando atitudes do adulto e indo além daquelas de sua experiência cotidiana, buscando alternativas para transformar a realidade. No faz de conta, seus desejos podem facilmente ser realizados quantas vezes desejar, criando e recriando situações que ajudam a satisfazer alguma necessidade presente em seu interior.

As crianças conseguiram ampliar a zona de desenvolvimento proximal, segundo as ideias de Vygotsky (1989), uma vez que crianças mais inibidas foram encorajadas a participarem ativamente, principalmente pelas professoras e colegas nesta situação expressiva do pensamento e linguagem.

Na roda os alunos recontaram ao seu modo, opinaram e participaram como integrantes do grupo. Este primeiro momento despertou o interesse dos alunos e propiciou as demais atividades. Posteriormente, elas utilizaram giz de cera e pincel atômico para fazer seus desenhos. Outros registraram a parte que mais gostaram da história, sendo que alguns utilizaram escrita espontânea na hora de expor as suas ideias. Como o interesse aumentava, nós, professores, decidimos aprofundar o estudo do tema por meio de conversas e

bate papos. Novas diretrizes para o trabalho foram surgindo a partir da construção de uma nova versão para a história com todas as turmas da escola.

Diante desses resultados, percebeu-se uma relação afetiva entre o grupo de crianças e as educadoras. A relação com a autonomia foi bem vivenciada nesta prática pedagógica de intervenção, favorecendo, assim, a construção da identidade, auxiliando no seu desenvolvimento e no processo de socialização com as outras crianças. Durante a intervenção das educadoras e nos momentos de interação, as crianças demonstraram prazer e entusiasmo, de forma que ficou evidente que esta observação foi de encontro aos pressupostos de Vygotsky (1989), uma vez que o teórico enfatiza que o homem se forma em contato com a sociedade, considera que se constrói uma relação dialética com a sociedade, por meio de uma “experiência socialmente significativa”. À vista disso, a relação de cada pessoa com o mundo precisa ser mediada. Portanto, independentemente de atuar na Educação Especial, o docente necessita de conhecimentos atualizados sobre o funcionamento da linguagem e da língua.

A realização do Festival de Artes da Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani 2012, como proposta de construção do conhecimento e forma de interação em que os alunos tiveram uma participação ativa em sua elaboração, alcançou os objetivos ao possibilitar a compreensão do valor da linguagem, contribuindo para que houvesse a interação entre fala e raciocínio prático ao longo de todo processo de desenvolvimento.

Cabe ressaltar que os objetivos educacionais foram consolidados, uma vez que a instituição organizou a sua prática de forma a promover o desenvolvimento das seguintes capacidades dos educandos: 1) participar de variadas situações de comunicação oral, para interagir e expressar desejos, necessidades e sentimentos por meio da linguagem, contando suas vivências; 2) interessar-se pela leitura de histórias dentre outras práticas que façam com que a criança tenha liberdade e expressividade; 3) vivenciar o experimento das múltiplas linguagens.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário começar a educar o olhar da criança desde os anos iniciais, possibilitando atividades de leitura para que além do fascínio das cores, formas e ritmos, ela possa compreender e analisar como a linguagem visual se estrutura e, assim, possa pensar criticamente sobre as imagens. Além disso, deve-se fazer com que a escola vá além das vivências artísticas com as quais está acostumada. Ela deve ajudar a criança a conhecer outras épocas históricas, outras culturas, outras formas de expressão, cabendo ao professor fazer com que a criança compreenda o mundo em que está inserida, situando-a em diferentes contextos socioculturais. De igual modo, cabe ao professor aguçar os sentidos de seus alunos apresentando-lhes novos materiais e levantando questões sobre eles. Lembrando sempre que muitas vezes o limite da criança é o próprio corpo e o alcance de sua mão será o que irá delimitar o espaço de atuação gráfico-plástica e que para a manipulação destes distintos materiais, ela possivelmente irá se sujar.

Neste artigo o objetivo principal se estrutura no desenvolvimento das diversas linguagens, meta visualizada processualmente no trabalho com os alunos com deficiência intelectual, pois impulsiona a aprendizagem propiciando compensações às deficiências. Desta forma estes fatores foram verificados conforme os pressupostos teóricos que os autores Bruno Bettelheim, Fanny Abramovich, Lev Semenovich Vygotsky e o PCN de Arte, trazem como contribuição para o entendimento e aplicabilidade dos contos de fadas, como também para a exploração do imaginário, das emoções e da dimensão cognitiva das crianças.

Outro ponto muito importante é que o educador mantenha uma linha de trabalho, ligando uma aula à outra e explorando o inusitado junto com seu aluno, se aventurando a aprender novos caminhos e reaprendendo a utilizar a imaginação. Além disso, ressalto que o Festival de Artes da Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani trouxe muitas contribuições para que a linguagem da Arte venha se fazer presente na Educação Especial. É necessário ligá-la ao lúdico, ao jogo, ao brincar, ao criar, ao imaginar, ao perceber, possibilitando à criança a construção não só do conhecimento

cognitivo, mas principalmente, do sensível, dentre outros.

Considero ainda que um elemento importantíssimo na construção do imaginário dos alunos é o fato de o professor não se impor ao processo de criação das crianças, devendo se libertar ao máximo dos estereótipos que tanto as influenciam e permitindo que estas possam inventar, descobrir e sonhar livremente, colocando no papel as ideias que estão em seu pensamento, dando asas à sua imaginação.

Através das histórias infantis, a criança relaciona-se com o mundo que a cada dia descobre, e é dessa forma que aprende, isto é, brincando. Receptiva e curiosa, ela pesquisa e recria novas histórias.

Trabalhar com histórias infantis significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elevados de expressão e ampliação do conhecimento do mundo. No trabalho educativo em sala de aula, as histórias infantis deverão estar presentes em todos os momentos da rotina, tornando-se uma fonte de prazer, aprendizagem e auto expressão. Se pensarmos que a “nossa Escola” não tem condições, nem nos dá possibilidades para a prática de contar histórias, ora por falta de material, ora pela insegurança do professor, nada acontecerá. Porém, se conseguirmos desencadear o gosto pela elaboração do conto nas classes de Educação Especial e lutarmos para que essa prática tenha uma perspectiva de continuidade em todas as instituições de educação, pode-se ter uma escola mais alegre e feliz, “risonha e franca”; uma escola em que a interação entre alunos, pais e educadores aconteça de maneira harmônica, pois verdadeiramente serão sujeitos da construção da sua própria história.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. **“Teatro/Educação: território em que dialogam diferentes culturas”**. Caderno de Textos Educação, Arte, Inclusão, ano 1, nº 2. Dez./2002 a mar./2003, p. 47-48.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: conhecimento de mundo**, volume 3. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

_____. **Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEMT, 1999 b.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo – Martins Fontes, 1989. 116 p.cap. 2, 3,6. págs. 35-101 – 4ª edição.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes 1991 b.

5. ANEXO

TEATRO

Joãozinho e Maria – Uma nova versão

Joãozinho e Maria eram ótimas crianças. O pai, um pobre lenhador, era muito bom. Um dia quando estavam na cama ouviram seus pais conversando:
(Mãe): Que vamos fazer com as crianças. Temos pouca comida e já não temos dinheiro para comprar mais.

(Pai): Não tem outra solução. Vamos deixá-los na floresta assim que amanhecer, do contrário morreremos de fome.

(Narrador 1): O lenhador que adorava as crianças não queria fazer isso. Mas logo ao amanhecer levaram Joãozinho e Maria para a floresta e voltaram para casa. Mas nem imaginaram que Joãozinho, que era muito esperto havia marcado o caminho de volta com pedrinhas; e a noite estavam eles lá, em casa, de volta.Os seus pais levaram eles de novo à floresta, só que desta vez Joãozinho marcou o caminho com migalhas de pão.E sabem o que aconteceu?

(Narrador 2): Isso mesmo. Os passarinhos comeram as migalhas e eles se perderam na floresta.

(Joãozinho): E agora? Estamos perdidos. O que vamos fazer? (olhando de um lado pro outro)

-Saem caminhando pela floresta quando de repente...

(Maria): Olhe Joãozinho um castelo. Vamos pedir ajuda.

(Joãozinho): Não faça isso Maria, você pode se arrepender.

(Narrador 2): Mas o castelo parecia ser tão bonito, e na imaginação de Maria eles encontrariam fadas, cavalheiros e damas dançando e seriam salvos por um príncipe encantado. Assim, acabou convencendo Joãozinho a entrar.

-Os dois entram meio assustados.

(Narrador 1) E agora? Será que Maria está certa? Ou será que vão se arrepender? Esperem para ver.

-os dois entram e realmente haviam damas e cavalheiros dançando, só que era apenas para enganá-los.

-as luzes se acendem e eles ficam horrorizados com o que vêem. De um lado da sala havia um caldeirão enorme. Do outro lado havia uma gaiola bem grande.

(Joãozinho): Nossa que bicho será que tinha aqui dentro? Devia ser bem grande. Joãozinho olha a gaiola com curiosidade enquanto Maria olha o caldeirão.

(Maria): Nossa! Deve ter muitas pessoas nessa casa. Olha o tamanho do caldeirão. Eu estou ficando com medo.

Maria vê um sino e toca na expectativa de alguém aparecer. Joãozinho, ao ver que Maria vai tocar no sino grita:

(Joãozinho): Não toque aí Maria. Pode ser perigoso.

(Narrador 1): Era tarde, Maria já havia tocado. Soprou um vento forte, ficando uma escuridão. Mais forte a cada instante, rugindo como um leão. Os livros de uma estante ele derrubou no chão. Eram livros bem antigos, histórias de fantasia que abriram. Que castigo, soltando a bruxaria.

(Narrador 2): A bruxa mais horrorosa agora livre estava, e por isso, a maldosa gargalhava, gargalhava. Era velha, enrugada, pele murcha e cinzenta, fedorenta, esburacada, de olhos cor de pimenta.

(Matilda): Sabem o que aconteceu da última vez que eu saí desse livro? Ah! Ah! Ah! Hummm estou morrendo de saudade de fazer a minha sopinha. Ah! Ah! Ah! Fiquem para o jantar, crianças.

(Joãozinho): Não. Não. Muito obrigado, não queremos incomodar. (Joãozinho pega a mão de Maria e vai em direção à porta).

(Matilda): Vocês não conseguirão sair, vocês serão, quer dizer vocês ficarão para o jantar. (com apenas um estalar de dedos a bruxa empurra os dois para dentro da gaiola).

(Narrador 2): Trancados na gaiola. Ai que tristeza. E agora? A bruxa chega até o caldeirão e começa a fazer a sua porção.

(Matilda): Venham me ajudar meus amigos. (música para a entrada dos Urubus e do vampiro).

Lenha para a fogueira. O fantasma repete o que a bruxa disse e olha para os Urubus que nem se mexem. Entra a mula-sem-cabeça trazendo a lenha.

(música para a entrada da mula que deixa a lenha e sai).

Vamos começar o feitiço. Ah! Ah! Ah! Bunda de tanajura. Asa de morcego! Patinha de aranha! Unhas do Zé do Caixão e dentes de leão. Tudo o que a bruxa pede, o fantasma repete olhando para o vampiro que nem se mexe e o fantasma então vai buscar.

(Narrador 1): Será que a velha bruxa vai conseguir devorar as crianças? Hum! Sei não. Vocês se lembram como Joãozinho era esperto. Toda vez que a fedorenta pedia para ver o seu dedinho, ele mostrava um osso.

(Narrador 2): Osso? Mas como esse osso veio para aqui? Hum essa história está ficando meio esquisita não acham?

(Matilda): Joãozinho, me deixa ver o seu dedinho? Hum! Ainda está muito fininho. Maria agora o seu? É. Ainda não cresceu.

(Vampiro): (meio receoso, fala gaguejando) Matilda, porque não acelera pra eles crescê. Eu já to com fome. Matilda olha o fantasma com raiva e responde:

(Matilda): É. Acho que você tem razão. E começa o feitiço. (Música Cundum Zerê... Até o pipoqueiro)

(Narrador 1): Mas em que enrascada eles foram se meter. Um cemitério com fachada de castelo.

(Narrador 2): E agora? O que vai acontecer? Essa é de doer. (continua a música cundum zerê para a entrada dos fantasmas do bem junto com o

pipoqueiro que também é um fantasma. Eles entram dançando zombando da bruxa). A bruxa fica acuada em seu canto agarrada aos seus amigos.

(Matilda): Como vocês conseguiram entrar aqui em meu castelo?

(Fantasma do bem (Pipoqueiro)): Seu castelo? Hó! Hó! Mas nós moramos aqui há muitos anos.

(Fantasma do bem): Que eu saiba a intrusa aqui é você velha enrugada.

(Fantasma do bem): E ainda por cima prendendo crianças, vai se ver conosco.

(música para a briga dos fantasmas do bem contra a bruxa e seus amigos. A bruxa vai se acuando perto da gaiola e seus amigos fogem assustados. Os fantasmas libertam Joãozinho e Maria e prendem a bruxa).

(Joãozinho): O feitiço virou contra o feiticeiro. Ah! Ah! Ah! (os fantasmas zombam da bruxa dançando a música “cama de gato”)

(Pipoqueiro): É, mas agora temos que desfazer o feitiço.

(Fantasmas do bem): Temos que mandá-la de volta para o livro. Vamos, peguem o livro. (música para desfazer o feitiço Réu Réu, João do mar e Tero Lero. Um dos fantasmas fecha o livro em frente à bruxa, que desaparece)

(Narrador 2): Nossa, por essa ninguém esperava. Que alívio, aquela horrorosa, fedorenta, enrugada, com olhos cor de pimenta voltou para onde nunca devia ter saído.

(Narrador 1): Acho melhor esconder este livro. Já pensou se ele abre de novo.

(Pipoqueiro): Acho que está na hora de vocês irem embora, mas antes escutem o nosso conselho. (música Geraldinos e Arquibaldos). As crianças se despedem dos fantasmas e um deles lhes dá uma caixa e diz:

(Fantasma): Levem essa caixa com vocês. Ela será a solução para seus problemas.

(Narrador 1): Finalmente Joãozinho e Maria estavam livres para voltar para casa. Vocês viram a caixa que o fantasma deu a eles. O que será que tinha lá dentro?

(Narrador 2): Havia muitas jóias, assim eles poderiam vender as jóias, conseguir muito dinheiro e viver felizes para sempre junto com seus pais.

(Joãozinho): Veja Maria, jóias, agora podemos voltar para casa.

(Maria): Vamos fazer um lindo Natal com o papai e a mamãe.

(Narrador 2): Os pássaros da floresta! Eles vão ajudá-los. Dança dos pássaros.

(Pai): João! Maria! Que bom que vocês voltaram! Venha querida, venha ver!

(Mãe): Meus filhos! Graças a Deus!

(Joãozinho): Veja o que ganhamos! Agora podemos ter um lindo Natal! (todos saem do palco)

(Narrador 1): Os pais de Joãozinho e Maria saíram, venderam as jóias, compraram roupas novas e muitos presentes e distribuíram entre as crianças carentes. Fazendo assim um lindo Natal, não só para eles, mas para todos.

(entram as crianças João, Maria e os pais distribuindo presentes enquanto o coral canta músicas de Natal).